

ÁREA DE PROTEÇÃO DO AMBIENTE CULTURAL **APAC - CATETE**

I. INTRODUÇÃO

01. APRESENTAÇÃO

Os bairros do Catete, Glória e Flamengo são espaços urbanos que sempre se apresentaram como focos de interesse para o estudo do patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil.

Desde o início da urbanização da cidade, ainda na segunda metade do século XVI, suas terras se configuravam como caminho para as terras de engenhos de açúcar na hoje Zona Sul; durante o século XVIII, seus caminhos tomam maior importância para o acesso a fortificações estabelecidas na orla, para a defesa contra invasões estrangeiras; durante o século XIX, as áreas vão se tornando locais para estabelecimento de apazíveis e nobres chácaras; com o advento da República, tudo passa a girar em torno das decisões políticas que governam o país. Assim, os bairros do Catete, da Glória e Flamengo se tornam regiões que demonstraram sua relevância para a nossa história.

Durante todo o século XX, essa região vivenciou momentos sócio-econômicos discrepantes: da opulência durante a República à decadência quando da transferência da capital federal para Brasília e a posterior implantação do metrô, fato este que promoveu o desmantelamento físico de várias áreas dos bairros.



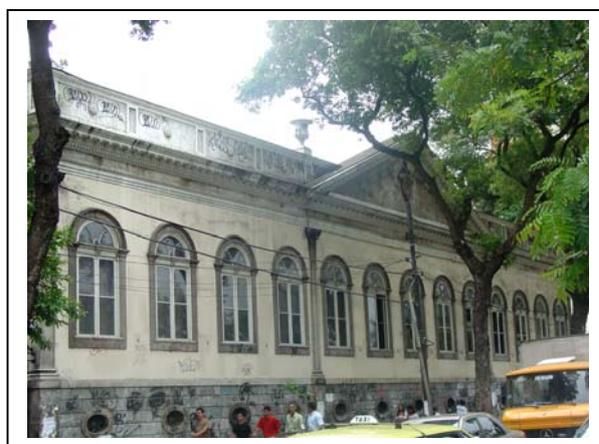
Desde 1897, sede do governo federal, o Catete testemunhou as diversas etapas que configuraram a cultura carioca e a brasileira, criando modismo que permaneceram vivos até nossos dias. Viu o aparecimento da *Belle Époque*; construiu sobrados imponentes revestidos de excessiva decoração romântica; aderiu aos ventos modernistas e abraçou os traços geométricos do *Art Déco*, que testemunharam a revolução política e social da década de 30, a ditadura de Vargas e o início da real industrialização do Brasil. Ergueram-se os primeiros edifícios de apartamentos da cidade, proporcionando uma transformação radical no processo da habitação coletiva; durante a II Guerra Mundial, adequaram-se os edifícios residenciais a um caráter de defesa, construindo-se abrigos antiaéreos em seus porões; por fim, o bairro do Catete testemunhou a era desenvolvimentista do período JK, que introduziu o país no pensamento moderno, das fábricas automotivas à construção de Brasília, passando pela “invenção” da Bossa Nova e a adaptação do rock americano e, por fim, pelas mais contundentes formas de expressão das artes plásticas.

E assim prosseguiu até meados dos anos 60, quando o golpe militar que implantou outra ditadura no Brasil tolheu os ventos da liberdade e de transformação política, social, econômica e cultural do país.

O Catete é testemunho de tudo isso. Recentemente, durante as exéquias do governador Leonel Brizola, o séqüito teve que fazer uma parada frente ao palácio, numa demonstração simbólica do quanto aquele prédio representa para a vida pública brasileira.

O acervo cultural encontrado nos bairros em estudo não é um conjunto de coisas erigidas pelo poder público que ali se instalou, mas sim a tradução, mais que verdadeira, dos conceitos elaborados pela elite dominante e construídos pela população que ali se abrigou

Dos palácios aos sobrados, das vilas aos bangalôs, dos edifícios *Art Déco* aos prédios modernos, o Espaço da República traduz as mais diferentes épocas por que passou a cidade, suas conquistas e derrotas, fantasias, devaneios e realidades.



Este trabalho teve início no final da década de 80 do século passado, quando moradores da região, assustados com o processo de transformação urbana que ceifava sua identidade cultural, procuraram o Departamento Geral de Patrimônio Cultural – DGPC - para que este elaborasse um plano de preservação daquele ambiente urbano. Em 1991, a equipe técnica composta pelas arquitetas Ana Maria Graça Couto e Myriam Maia Corrêa Geoffroy, coordenada pela arquiteta Andréa Albuquerque Garcia e Redondo, elaborou minucioso trabalho visando a criação de APAC para o bairro do Catete e parte da Glória. Infelizmente, tal trabalho não foi adiante, deixando aquela área urbana exposta a uma série de intervenções cada vez mais danosas à preservação da sua identidade cultural urbana.

Passados treze anos da proposta original, e após a consolidação da implantação do metrô e de uma intervenção de melhoramentos urbanos, com o Projeto Rio Cidade, o DGPC/DIP, atendendo ao Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, revisa aquele projeto e propõe a ampliação de seus limites físicos e, também, do universo do acervo estudado. Aos exemplares arquitetônicos então classificados foram acrescentados outros, representativos de épocas mais recentes, mas, nem por isso, menos significantes. A constante atualização dos conceitos de bens culturais nos levou a propor tal adição de espécies.

Considerando os aspectos culturais que se encontram espalhados pelos bairros em estudo e sua intrínseca relação com a o período republicano desde logo sua instalação no país, optou-se pela denominação de ESPAÇO DA REPÚBLICA.

“Bossa Nova mesmo é ser presidente

Dessa terra descoberta por Cabral

Para tanto, basta ser tão simplesmente

Dinâmico, simpático e original.”

(Juca Chaves)

02. OBJETIVOS

02.01. GERAL

1. Criar a Área de Proteção do Ambiente Cultural - APAC - dos bairros do Catete, parte do bairro da Glória e parte do bairro do Flamengo.

02.02. ESPECÍFICOS

1. Estabelecer parâmetros para a proteção legal do patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico das áreas em foco;
2. Provocar o estudo e o debate sobre tipologias ainda não protegidas, reconhecendo sua importância no panorama cultural da cidade;
3. Propor o tombamento de bens culturais de valor excepcional, quer pela sua qualidade arquitetônica, quer pela sua qualidade urbanística, artística e/ou paisagística;
4. Propor a proteção de imóveis de valor de conjunto, através da preservação de suas fachadas e volumetrias;
5. Estabelecer parâmetros de proteção do entorno dos bens tombados e preservados, através da tutela de imóveis situados na APAC proposta;
6. Estabelecer parâmetros arquitetônicos para a intervenção física em bens preservados e tutelados.

03. JUSTIFICATIVA

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal das Culturas e do Departamento Geral de Patrimônio Cultural, vem aplicando uma política de proteção do patrimônio cultural da cidade de forma criteriosa e abrangente.

O estudo de seus bairros, da história da suas ocupações, das evoluções urbana e arquitetônica, seu inventário e conseqüente classificação, constituem uma dinâmica constante do Departamento Geral de Patrimônio Cultural.

Capital da República, o Rio de Janeiro concentrou, no bairro do Catete, o centro das decisões do país e, conseqüentemente, tornou o local como dos mais atrativos daquela época. Sua ocupação foi, conforme seu histórico, sendo feita de modo gradativo e de forma a apresentar diversas tipologias de edificação e de influências estilísticas.

Desde a sua decadência social, quando da transferência da capital federal para Brasília, até a realização do Projeto Rio Cidade, muitas metamorfoses se processaram nessas áreas, umas provocando a degradação do espaço urbano, poucas promovendo a sua reabilitação. Se a mudança da sede do Governo provocou uma decadência física e social, com o abandono das atividades de elite, esse fato também proporcionou uma persistência da fisionomia arquitetônica. Entretanto, a construção do metrô foi um dos fatos mais traumáticos para o ambiente urbano e para os remanescentes arquitetônicos. A Rua do Catete e os Largos da Glória e do Machado sofreram intervenções drásticas, transformando toda a sua configuração espacial e ambiental. A partir de então, a área estudada foi perdendo, sistematicamente, a sua identidade, passando a se configurar como uma região sem personalidade própria. A demolição de grande parte do casario de numeração ímpar da Rua do Catete destruiu o cenário bucólico, embora sombrio, daquela rua. O largo que se abria no espaço fronteiro ao Palácio do Catete, após um percurso estreito em curvas, era de uma dramaticidade inigualável. Hoje, uma ampla perspectiva se abre de longe, acabando com aquele fator que a urbanista portuguesa Maria da Luz chama de “*espaço da surpresa*”. Hoje, as áreas remanescentes dos terrenos demolidos pelo metrô se mostram com um uso inadequado e que não contribui para a valorização do espaço urbano. O mercado imobiliário inicia uma ação vigorosa de empreendimentos nessas áreas, promovendo o remembramento de vários lotes e conseqüente demolição dos imóveis ali construídos. Ademais, uma quantidade significativa de obras de reformas, com a conseqüente descaracterização dos imóveis remanescentes, vem contribuindo para a perda da identidade local. Há uma necessidade premente para se instituir um plano de proteção do acervo urbano e arquitetônico dessas áreas.

O Departamento Geral de Patrimônio Cultural – DGPC – vem, ao longo de seus vinte anos de existência, buscando uma atualização dos conceitos de patrimônio cultural e, assim, ampliando a abrangência de seus objetos inventariados. Dos “sobradinhos” românticos carregados de ornatos em estuque (obras geralmente livres, realizadas pelos mestres de obras, sem a presença do arquiteto), antes tão desprezados pelos enfoques eruditos, às obras mais suntuosas como algumas manifestações modernas e de autoria consagrada, o espectro da nossa abrangência evoluiu. Protegemos, assim,

ingênuas pinturas de botequim, cortiços, vilas modestas, porém significativas; exemplares eruditos e populares; neoclássicos, ecléticos, românticos, *art déco*, neocoloniais. Mais recentemente, se reconheceu a necessidade de proteger os bens de valor intangível que dão a “alma, cheiro e cor” ao patrimônio e identidade culturais a um povo.

Neste trabalho, além de propor a proteção de bens de tipologias já anteriormente consagradas, queremos provocar o debate sobre a necessidade de se elegerem novos objetos representativos de novas épocas que se transformaram em identidade cultural de um lugar. Propomos a preservação de bangalôs de porte médio porque foram a moradia de uma classe social que girou em torno do poder político e social do país. Propomos a preservação de edificações de grande porte, porém sem uma clara definição de categoria estilística, mas que formou uma tipologia muito recorrente no bairro e na cidade: os edifícios com traços rarefeitos do *Art Déco* com portarias imponentes, saguões elegantes, varandas embutidas. Um verdadeiro edifício “*de classe*”, como assim definia a classe média enebriada. Encaminhamos, para preservação, alguns hotéis que foram expressivos na história: locais de encontros, conchavos, conspirações e decisões. Adentramos no universo da modernidade, propondo a proteção de prédios com caráter moderno - não os que foram construídos por expoentes da arquitetura nacional - mas sim aqueles exemplares que formaram o grosso da produção construída naquela época, cujos profissionais permaneceram nos bastidores da dramaturgia arquitetônica. São edifícios com toda a linguagem e elementos próprios do movimento moderno: pilotis, painéis decorativos – ora pintados, ora cerâmicos -, esquadrias em venezianas, cobogós, alvenarias de vidro, etc. Todos esses exemplares formam a verdadeira identidade desses bairros, representam o universo cultural da época em que dali se comandou a República.

Os bairros do Catete, Glória e Flamengo são, portanto, parte viva e testemunha indissociável da história do Rio de Janeiro e do país. O reconhecimento da importância cultural pelo poder público é consequência da luta de seus moradores pela preservação da sua identidade cultural.

04. METODOLOGIA

O ponto de partida deste trabalho foi o estudo anteriormente elaborado pelo DIP/DGPC, em 1991.

Promoveu-se uma ampla discussão sobre os critérios ali adotados, a realidade de então, a classificação dos bens selecionados, analisando-os sob uma ótica de então, que privilegiava as construções erigidas entre o final do século XIX e o início do século XX, com uma estética já consagrada e cristalizada nas antigas APACs .

A partir daí, buscou-se o reconhecimento do universo abordado, revisitando-o e reanalisando-o de acordo com suas condições de caracterização e conservação de hoje.

Tendo como fundamentação a análise de sua história, decorridos treze anos da primeira proposta, podemos constatar que os fatos gerados nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX se tornaram importantes e marcantes na narrativa arquitetônica carioca. Assim, buscamos uma abordagem mais ampla e que representassem aqueles acontecimentos que não foram objeto de escolha e estudo na primeira proposta.

Para a atual proposta, incorporamos, portanto, aqueles bens imóveis construídos entre os anos 40 e meados dos anos 60, período correspondente às eras Vargas, JK e Jango, momentos importantes para a história do Brasil que produziram fatos culturais marcantes na cidade e nos bairros em foco.

A presente proposta não delimitou as áreas abrangidas por condicionantes político-administrativos da atualidade, mas sim pela abrangência da sua História, para que possamos entender a arquitetura ali produzida. Sem a compreensão dessa História conjunta, qualquer interpretação do patrimônio construído ficará prejudicada.

A leitura do livro *Modernidade e Moradia – habitação coletiva no Rio de Janeiro*, de Lílian Fessler Vaz, mostrou um caminho muito interessante para pesquisar: a construção e permanência das “Casas de apartamentos” e “arranha-céus”, padrões novos de habitação coletiva que surgia no Rio de Janeiro.

“O apartamento surgiu nos anos 1920 como um novo padrão de habitação no Rio de Janeiro. ... A análise dos jornais e revistas de época mostra que apenas nos anos 1940 o ‘edifício de apartamentos’ se estabeleceu definitivamente em substituição à ‘casa de apartamentos’, ‘casa (ou prédio) coletivo de apartamentos’, ‘casa de habitação coletiva’, ‘casa (ou prédio) para renda’, ‘arranha-céu de apartamentos’ ou simplesmente ‘apartamentos’.”

...

“O precursor do edifício de apartamentos não era apenas mais um tipo: era um novo modelo a ser reproduzido. Um modelo prático-simbólico, como se verá no caso concreto da cidade do Rio de Janeiro.”¹

¹ VAZ. Lílian F. *Modernidade e Moradia – habitação coletiva no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. pág. 66 e 67.

Também foi de grande valia o estudo do *Guia do Art Déco no Rio de Janeiro*, publicação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que norteou a classificação de inúmeros imóveis naquela modalidade estilística, assim como também foi importante a pesquisa nos livros “Arquitetura Contemporânea no Brasil” de Yves Bruand e “Evolução Urbana no Rio de Janeiro”, de autoria de Maurício de Abreu.

Partimos para a atualização dos dados levantados anteriormente e fomos identificando imóveis que se mostraram exemplares significativos da arquitetura dos anos 40, 50 e 60, épocas marcantes na história dos bairros, da cidade e do país.

De posse desses dados, procuramos estabelecer uma classificação por categoria, uso do solo e grupos estilísticos. Essa classificação se fez necessária devido à expressiva diversidade arquitetônica encontrada na área.

Levantaram-se os usos dos imóveis, assim como o número de pavimentos existentes em cada lote, estes inseridos em planta cadastral a qual nos dá uma leitura do uso do solo na sala e seu adensamento. Todos os imóveis indicados para tombamento e preservação foram fotografados.

As legislações urbanística, edilícia e de patrimônio cultural vigentes foram levantadas e analisadas, para melhor compreensão do espaço urbano.

Por fim, foi elaborado um pequeno banco de dados, em suporte do *MS-Access*, o qual ajudará a fornecer informações sobre cada bem protegido. O banco informará sobre: localização, período, número de pavimentos, estado de caracterização, estado de conservação, categoria arquitetônica, tipologia por uso do solo, grupamentos estilísticos e fotografia do imóvel, para os bens de valor de conjunto acrescido de descrição de situação e ambiência, descrição arquitetônica, histórico e fontes de pesquisa para os bens de valor individual indicados para tombamento.

A nossa metodologia é um aprimoramento da experiência adotada no decorrer de vinte anos de existência do DGPC.

II. ANÁLISE DA ÁREA



fonte: Instituto Pereira Passos / PCRJ

01. LOCALIZAÇÃO

Situada ao sul da Área Central de Negócios, Centro da cidade, a área estudada se estende em direção à zona Sul, confrontando-se, a norte, com a parte sul da Zona de Especial Interesse do Corredor Cultural (Lapa e amurada da Glória), a leste com o Aterro do Flamengo; ao sul, limitada pela Praça José de Alencar e a oeste por parte do bairro de Laranjeiras, pelo morro da Nova Cintra e parte do bairro de Santa Teresa.

02. HISTÓRICO E EVOLUÇÃO URBANA²

Depois da fundação da cidade, em 1565, e sua transferência para o morro do Castelo em 1567, núcleos de atividades econômicas e populacionais foram criados nos engenhos de açúcar na zona norte e na zona sul. Nesta, o Engenho D'El Rei localizava-se no atual Jardim Botânico. Foi, portanto, a primeira ocupação econômica da zona sul. O roteiro para chegar ao Engenho D'El Rei foi criando caminhos de ocupação. Os primeiros caminhos, ultrapassada a área que corresponde hoje à Lapa, eram: o caminho da Glória, o do Catete, a travessia do rio Carioca, a estrada Velha de Botafogo (atual Senador Vergueiro), daí chegando à praia de Botafogo. Desta se alcançava a Lagoa com ajuda da navegação fluvial por cursos d'água, hoje transformados em galerias subterrâneas.

No século XVIII, a cidade cresce e aumenta sua importância por ser o porto exportador do ouro e das pedras preciosas que vinham das Minas Gerais. Em consequência dessa riqueza que circula pela cidade, ocorreram duas invasões de franceses, em 1710 e 1711. Naturalmente, o governo português aumentou sua preocupação com a defesa da baía de Guanabara. Para a defesa militar, a orla da zona sul foi protegida e o primeiro forte construído foi na Praia Vermelha. Para chegar a esta praia, um pequeno caminho encostado ao Morro de Santa Teresa, sempre batido pelo mar, foi alargado e protegido das ressacas por uma muralha, dando origem a atual Rua da Glória. Nesse mesmo século (XVIII) melhora o abastecimento d'água à cidade em consequência da captação no Silvestre e construção do aqueduto. A água é distribuída de diversos chafarizes que serviam à população e davam de beber aos cavalos. Dentre os chafarizes, um foi construído no caminho da Glória onde lá se encontra, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN). Aquela fonte d'água tinha, portanto localização estratégica no início do caminho para a zona sul.

Também tombada pelo IPHAN é a igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, erguida a partir de 1714 no alto do pequeno morro (da Glória) e que tem, até hoje, localização proeminente sobre a paisagem da cidade e da baía de Guanabara.

Em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio, a abertura dos portos brasileiros a navios não portugueses e a consequente entrada de estrangeiros em maior número impõem novos costumes à cidade, entre estes, o de morar fora do Centro, em chácaras, áreas intermediárias entre a urbana e a rural. Ingleses e franceses procuram por sítios pitorescos para morar na montanha ou na praia. Glória, Catete, Laranjeiras, Santa Teresa, Botafogo, Rio Comprido e Tijuca passam à moradia efetiva de nobres, embaixadores e grandes comerciantes.

Maria Graham, inglesa que viajou pela América do Sul entre 1820 e 1825 e passou alguns anos no Rio de Janeiro, fez em seu diário uma interessante descrição da Glória nessa época, fazendo referências à chácaras (casas de campo) no morro da Glória e ao chafariz (abundante fonte).

² Elaborado por Mário Aizen, sociólogo e pesquisador do DGPC.

Na segunda metade do século XIX, as chácaras existentes nas encostas da Glória abrem ruas em seus terrenos: Cândido Mendes, Benjamim Constant, Santo Amaro e Pedro Américo fazem a ligação da orla com o Morro de Santa Teresa. Isso ocorre porque a economia cafeeira em expansão no Rio de Janeiro aumenta a procura por moradias daqueles que enriqueceram com a plantação e exportação do café. Os proprietários de chácaras passam a dividi-las. As terras, agora urbanas, começam a mostrar que elas são um bom negócio na capital do Império.

Em 1906, a administração municipal constrói um conjunto de cerca de 30 casas para operários no beco do Rio, pequena travessa que ficava entre a rua do Catete e o morro da Glória. Estas casas eram contemporâneas ao conjunto ainda existente na Av. Salvador de Sá e possuíam a mesma tipologia e programa arquitetônico destas. O beco e o conjunto operário desapareceram com as obras do metrô. Ficavam nas proximidades do hoje CIEP Presidente Tancredo Neves.

Entre a praia do Flamengo e a atual rua Bento Lisboa, corria um braço do rio Carioca (aquele que nasce na Serra junto ao Silvestre e vai desaguar na baía de Guanabara no encontro das ruas Paissandú e Barão do Flamengo). Nas proximidades desse braço, chamado de rio Catete, foi sendo aberto o caminho do Catete. Esse riacho desaguava na Guanabara contornando o morro da Glória. Daí Maria Graham referir-se ao morro como “quase insulado”. Acompanhando o Caminho do Catete foram construídas chácaras e olarias. Nas chácaras cultivava-se a terra. Nas olarias fabricava-se tijolo usando a água do rio.

Durante o século XIX, foram sendo abertas as ruas transversais, a partir das primeiras – Pedro Américo e Bento Lisboa - então denominadas de Pedreira da Glória e de Pedreira da Candelária, isto porque elas davam acesso a este rendoso negócio localizado nas encostas próximas.

A partir de 1850, os capitais internacionais procuraram novas fontes de reprodução desse capital fora da Europa. No Brasil ganharam a concessão para implantar serviços públicos de infra-estrutura urbana. Esses serviços ajudaram no crescimento da Glória e do Catete: Em 1864 o esgotamento da cidade proposto anteriormente pelo inglês John Frederick Russel passou as mãos do grande capital através da “*The Rio de Janeiro City Improvements*”. Ainda hoje vemos junto ao largo da Glória, uma das primeiras estações de esgotamento, atual sede da Sociedade de Engenheiros e Arquitetos (SEAERJ), e que recebeu tombamento estadual e municipal.

Quanto aos serviços de transporte coletivo, a *Botanical Garden Railroad Company* ganhou, em 1868, a concessão da primeira linha de bonde a tração animal, ligando o Centro ao Largo do Machado através da rua do Catete. Em 1871 a linha se estendeu até o Jardim Botânico e Gávea. Em 1892, o máximo do progresso, é implantada a eletrificação da linha até ao Largo do Machado. Para isso, um ano antes foi projetada a usina de energia elétrica a carvão, que se chamou “Casa das Máquinas”. Esta usina foi ampliada em 1904 com novo maquinário, tomando o prédio a feição atual, na rua Dois de Dezembro. Com a substituição da energia térmica pela hidráulica e a compra da Companhia do Jardim Botânico pelo grande capital canadense (Light), a Casa das Máquinas passou à oficina dos bondes. Em seguida, o prédio passou para o então

Estado da Guanabara, servindo de garagem para ônibus da Companhia de Transportes Coletivos. Na década de 1980, o Estado cede o prédio para o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), sendo então tombado pela prefeitura do Rio.

Sobre a importância do bonde como primeiro meio de transporte coletivo para grande número de passageiros e o crescimento da cidade, vejamos o que nos disse Rui Barbosa em 1898.

“O bonde foi até certo ponto a salvação da cidade. Foi o grande instrumento, o agente incomparável do seu progresso material. Foi ele que dilatou a zona urbana, que arejou a cidade, desaglomerando a população, que tornou possível a moradia fora da região central”.

Da mesma forma que na Glória, na segunda metade do século XIX ocorre, no Catete, o mesmo processo de substituição das chácaras por loteamentos, quando os proprietários resolvem investir na urbanização de suas terras. A maior procura por moradias numa cidade que cresce e a chegada do bonde forçam a abertura de ruas ligando a praia do Flamengo à rua do Catete ou até à Bento Lisboa.

Em 1897, o Catete passou a sediar a Presidência da República no palacete que foi uma das residências nobres da área, a do fazendeiro de café Barão de Nova Friburgo. Em consequência, no século XX, o bairro se transformou com o aparecimento de pensões, hotéis, bares e restaurantes onde se hospedaram e circularam políticos, funcionários públicos e intelectuais que gravitavam em torno do poder.

Além de político, foi também um bairro acadêmico. A Faculdade de Direito (hoje da UERJ) funcionou em antiga residência nobre na rua do Catete, 243. A partir da década de 1980 foi sede da União Nacional dos Estudantes e no final da década de 1990, a UERJ projetou para ali a instalação do Centro de Cidadania Barbosa Lima Sobrinho. A edificação é tombada pela Prefeitura. A Escola Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado, prédio original de 1874 e um dos primeiros construídos especialmente para o ensino, sediou, nos anos 1940, parte da antiga Faculdade Nacional de Filosofia. A edificação é tombada pela prefeitura. Tombada também, porém pelo IPHAN, é outra antiga residência nobre na Glória, que sedia a Faculdade de Medicina Sousa Marques. Apesar do esvaziamento político com a saída da Presidência da República, e a diminuição do movimento acadêmico, os bairros mantêm uma tradição da presença estudantil nos colégios públicos e nos particulares.

A partir dos anos 1940, formam-se no Rio os subcentros, quando alguns bairros perdem a exclusividade de função residencial e de comércio local, adotando também uma função comercial mais diversificada. Segundo a geógrafa Haidine Duarte, em seu estudo publicado em 1974, o Catete foi classificado como um centro funcional de primeira categoria, ao lado dos bairros de Copacabana e Tijuca. Essa classificação era reforçada pela presença dos serviços de lazer como bares, restaurantes, cinemas e teatros.

Se no século XIX as residências das classes mais abastadas distribuíam-se pelas ruas da Glória e do Catete, também se podia observar a presença de habitações populares:

cortiços e casas de cômodos; já no século XX, as vilas tornaram-se moradia da classe média. A praia do Flamengo tinha, até ao início do XX, poucas casas, situadas apenas no trecho até a rua Dois de Dezembro. Somente com o aterro do litoral e inauguração da Avenida Beira Mar, em 1906, é que o trânsito para a zona sul sai dos caminhos interiores, passando a usar a praia. Na realidade, esta nova via faz parte do período de grandes transformações urbanas com a finalidade de tornar o Rio de Janeiro uma capital moderna e civilizada. Era preciso adequar seu espaço às novas necessidades que uma cidade capitalista exigia, diversificando as atividades econômicas. A Beira Mar fez parte do projeto de uma ligação direta entre o novo cais do porto e os bairros da zona sul, através da então Avenida Central.

Na Beira Mar, são construídas novas residências, voltadas para o mar e de propriedade de uma burguesia emergente. Junto com a abertura da Avenida Beira Mar também é ampliado e ajardinado o Largo da Glória e inaugurada a muralha e seu relógio de quatro faces.

Em 1930, as mudanças político-econômicas trazidas pela Revolução de Getúlio Vargas, como o incentivo à industrialização, e o crescimento da cidade fazem da zona sul uma área intensamente procurada para residência das novas elites e classes médias. Inicia-se o processo de verticalização que, no centro, já vinha ocorrendo desde os anos 1920. A Glória, o Catete e o Flamengo foram, juntamente com Copacabana, os primeiros bairros a construir edifícios de apartamentos residenciais na década de 1930, ora derrubando antigos palacetes e sobrados, ora construindo-se em terrenos ainda vagos, predominando uma arquitetura ligada às residências tradicionais unifamiliares do período anterior. No entanto, surge também nos 30, a nova arquitetura no estilo *Art Déco*. Grande parte delas ainda é apreciada pela região, destacando-se, além das fachadas, o interior das portarias e serralherias artísticas.

Em 1940, durante o Estado Novo, um período político de grandes obras que intervêm no desenho da cidade — por exemplo, a Avenida Presidente Vargas—é aprovado um projeto que transformaria por completo os antigos caminhos da Glória e do Catete. É o plano de abertura da Avenida Glória-Lagoa, uma via radial à zona sul com mais de 40m de largura e refúgio central. Pouca coisa desse projeto foi implantada, resultando pequenos trechos de Ruas em Botafogo e no Flamengo.



Rua Silveira Martins, 129



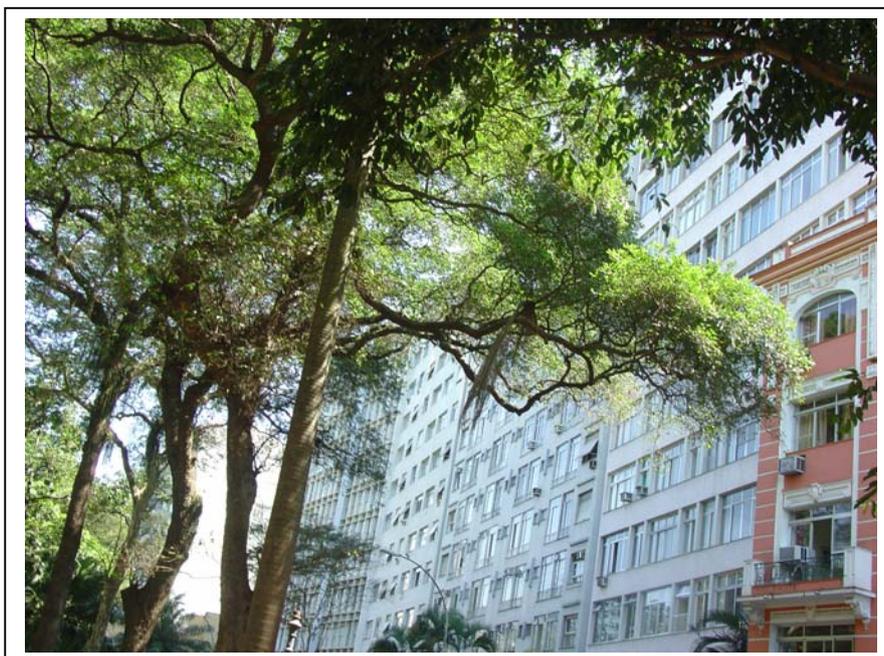
Rua Almirante Tamandaré, 42

Janeiro se prepara para deixar de ser Distrito Federal e tornar-se Estado da Guanabara (1960). Um Plano de Realizações de Obras da Prefeitura do Distrito Federal, naquele ano, constituiu a Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN) para por em prática um Plano de Obras. O projeto da Avenida Radial Sul passa por uma revisão. Um novo PA para a Rua do Catete reforça larguras variáveis com mais de 40 metros, estabelecendo galerias de pedestres em ambos os lados da rua. Resultam deste PA os prédios residenciais e comerciais renovados e recuados do alinhamento original da rua, seguindo o modelo do Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento (Plano Agache) de 1927-1930: calçadas cobertas por galerias de pedestres conforme foi implantado na Esplanada do Castelo e na Avenida Presidente Vargas desde as décadas de 1930 e 40.

Em 1958, num plano de alargamento e alinhamento (PA) da Rua Silveira Martins, é prevista a abertura de uma nova rua através dos jardins do Palácio do Catete, ligando a rua do Catete à Praia do Flamengo, apesar do tombamento do Palácio desde 1938.

Em 1963, um novo plano estabelece 32 metros para a rua do Catete com variações em frente ao Palácio e do Largo do Machado até a Praça José de Alencar, porém sem estabelecer galerias para pedestres. No período entre 1957 e 1963, surgiram, pelo menos, quatro altos prédios com galerias da Rua do Catete, observando-se, hoje, recuos no alinhamento que não tiveram continuidade.

Em 1962, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tombou o conjunto urbano fronteiro e lateral ao Palácio do Catete, protegendo, assim, a ambiência da antiga sede da Presidência da República dos planos municipais de alargamento e de novos gabaritos.



À direita, prédio remanescente do antigo PA à esquerda, edifícios implantados no novo PA Rua Silveira Martins

Durante a década de 1970, a Glória e o Catete se transformaram num canteiro de obras em consequência da construção da linha 1 do metrô. Esta, proveniente do Centro através da Praça Paris, entrou pelos velhos bairros seguindo o mesmo roteiro dos caminhos primitivos: da Glória, do Catete, do Flamengo... Ocorreu um grande número de desapropriações e demolições no lado ímpar da rua do Catete: da Glória até a esquina com a rua Silveira Martins; entre as ruas Ferreira Viana e Buarque de Macedo; e depois da rua Dois de Dezembro até quase a rua Almirante Tamandaré. Desapareceu grande parte do comércio local que se caracterizava pela concentração de lojas especializadas em móveis e decorações. No entanto, depois de inauguradas três estações (Glória, Catete e Largo do Machado), a Rua do Catete e o Largo do Machado tiveram reforçadas a posição de centro funcional de primeira categoria. Aos poucos, os remanescentes sobrados do final do XIX e início do XX voltaram a receber lojas de móveis e um comércio renovado e ativo, novos prédios que sediam atividades liberais e um bom número de restaurantes e hotéis que prolongam a vida noturna local.

Apesar da perda de grande parte de sua identidade urbanística, arquitetônica e afetiva, em consequência das demolições e desapropriações que criaram vazios urbanos, o Catete e o Largo do Machado se mantêm como um importante sub-centro de comércio e serviços, atestado pelo grande número de freqüentadores de suas calçadas, mesmo nos fins de semana.

O poeta Geir Campos escreveu em seu “Roteiro Lírico do Rio de Janeiro”, poesia que exprime, sinteticamente, a história do Catete:

*catete
em língua de índio
quer dizer
mato fechado
mas o branco foi chegando
e fazendo o seu roçado
e o que era tronco de pé
passou a tronco deitado
e de verde foi a seco
falquejado e recortado
em viga e barro e caibro
a sustentar o telhado
e o assoalho de quem
era ali acomodado
tempo depois a madeira
voltou mas em outro estado
sob as formas da mobília
que se vendia fiado
depois foi o casario
por sua vez derrubado
para dar lugar ao trem
que tem seu trilho enterrado
e de “metrô” é chamado*

Em 1993, foi lançado pela Prefeitura o programa Rio Cidade que teve como objetivo valorizar a rua e reabilitá-la para o pedestre, reconstruindo espaços públicos, disciplinando usos e atividades com a melhoria dos padrões urbanísticos. Intervindo num contexto social decadente, pretendia o programa Rio Cidade restituir aos cidadãos o direito à sua cidade. Entre os 17 projetos iniciais que escolheram corredores que identificassem bairros e que valorizassem o comércio local estabelecido, estava o da rua do Catete.

A partir da esquina com a rua Pedro Américo e até seu final na praça José de Alencar, com extensão até a Praça São Salvador, o Catete voltou a se transformar num canteiro de obras. Houve troca de pavimentação, sinalização, iluminação e mobiliário urbano em geral. Em dois dos recuos existentes, foram criadas duas praças: Fernando Pessoa (esquina com Silveira Martins), no local onde havia a Escola Municipal Rodrigues Alves e na entrada da Vila Elite (entre Buarque de Macedo e Dois de Dezembro). Também recebeu área de recreação infantil o terreno lateral à praça José de Alencar, na direção do Flamengo.

Após a passagem do metrô e do Rio Cidade pelo Catete, seu patrimônio cultural, representado principalmente pela arquitetura de caráter eclétizante que forma conjunto urbano notável em torno do Palácio do Catete (Museu da República) foi valorizado. No entanto, observa-se que, passados menos de 10 anos da inauguração das reformas Rio Cidade, o bairro sofre problemas que demonstram que a melhoria dos padrões urbanísticos sem conseguir intervir no contexto social, não restitui aos cidadãos o direito à sua cidade. A miséria generalizada do país, no Estado e particularmente na cidade do Rio de Janeiro, não disciplinou usos e atividades e os novos e velhos espaços públicos foram ocupados por população de rua, levando à destruição do mobiliário e degradação do espaço urbano.

Os velhos caminhos da Glória e do Catete e áreas próximas representam o início da expansão da cidade para a zona sul e entraram no século XX como importante espaço do Brasil República, assim como a Praça XV de Novembro e São Cristóvão o foram para o Brasil Colônia e Império. O nome Catete significou até 1960 o poder executivo brasileiro.

A localização de diversas instituições nos bairros, localizadas em prédios monumentais remanescentes do século XIX e do XX, quase todos tombados como patrimônio cultural, demonstra a importância deles para nossa história. Mas sabemos que não apenas os monumentais fazem História. No Catete, na Glória e Flamengo, a atividade terciária também fez história. Lembremos, então, da principal atividade – comércio de móveis e decorações: A Brasileira do Catete, Casa República Móveis e Decorações, A Estética do Catete, Decorações Palace, A Renascença - Móveis de Estilo; nas demais atividades: o Café e Bar Acadêmico, o Café Lamas, a Spaghetilandia; os Cines Asteca, Politeama (*o poeirinha*), Condor e o São Luiz (monumental e luxuoso palácio cinematográfico); as lojas Juquinha Modas, cujo proprietário editava revista sobre o bairro, a Papelaria Santoro, o restaurante KTT, a sapataria Acrópole. Todos ficaram na memória dos moradores, não apenas do bairro, mas da cidade.

2.1 ALMANAQUE DO CATETE³

1. Sobre o significado da palavra “Catete” existem escritos do século XVII que traduzem a palavra como: *"mato escondido"* ou *"mato cerrado"*. Existem, por outro lado, traduções que dão à palavra o significado de: *"pássaro que come milho"*; ainda: *"mato de planície irrigada"*; por fim, encontramos outra: *"milho pequeno"*, ou *"espigas pequenas de milho"*.
2. O local era habitado pelos índios da aldeia Uruçumirim (*Uruçu=Abelha; Mirim=pequeno*), chefiada pelo cacique Biraçu Mirin.
3. No Largo do Valdetaro, em frente ao Palácio do Catete, na direção do atual Hotel Monte Blanco, foi colocado em 7 de julho de 1854 um chafariz, que por ocasião das obras de reforma para a transformação da mansão em Palácio Presidencial, foi transferido para o interior do jardim do palácio.
4. Num terreno da rua do Catete próximo à rua Santo Amaro existia uma casa onde morou o Duque de Caxias, demolida para a construção do Palacete do Ribeirinho, propriedade, mais tarde foi comprado por João Martins Cornélio. Seu filho, João Cornélio dos Santos doou o palacete à Santa Casa da Misericórdia em 1894 para ser criado ali um asilo para menores, o Asilo São Cornélio. Hoje, lá funciona a Faculdade de Medicina Souza Marques.
5. O arquiteto Adolfo Morales de los Rios morou na Rua Buarque de Macedo.
6. Na rua do Catete nº 113, onde funciona o Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, foi construída, em 1911, uma capela com uma pequena escola nos fundos, onde, para acessá-la, passava-se por entre 16 palmeiras reais; em 1940, foram concluídas as obras do colégio. A Igreja e o Colégio Zaccaria pertencem à Ordem dos Padres Barnabitas.
7. Na rua Ferreira Viana, nasceu em 11 de outubro de 1908 o compositor Cartola (Agenor de Oliveira). Mudou-se aos oito anos para o bairro das Laranjeiras, de onde, somente aos 11 anos, é que ele foi viver no morro da Mangueira. Cartola iniciou seus estudos no Colégio Rodrigues Alves, na rua do Catete.
8. Na Rua Correa Dutra, morou o cancionista, compositor, humorista e ventríloquo Batista Júnior, pai das Irmãs Batista, Linda (foto a direita), Dircinha e Odete Batista, Dircinha cursou um grupo escolar na Praça José de Alencar. Linda foi uma freqüentadora assídua do Palácio do Catete, na era Vargas.
9. O artista plástico Athos Bulcão nasceu no ano de 1918, no Catete.
10. Em 9 de setembro de 1920, na Rua Silveira Martins, nasceu Carlos Niemeyer, criador, em 1959, do Canal 100, documentário esportivo que servia de abertura em quase todas as sessões de cinema.
11. Durante 30 anos morou na Rua Correa Dutra, no número 73, apartamento 404, o cantor e compositor Anísio Silva (29/7/1920 - 18/2/1989), o primeiro “Rei do Bolero”.

³ Encontradas em Internet e versões orais.

12. No antigo número 206 da rua do Catete, que ficava em frente à Rua Almirante Tamandaré, funcionou a "*Sociedade Dançante e Recreativa Progresso do Catete*", de onde alguns integrantes fundaram, posteriormente, o *Ameno Resedá*.
13. O *Ameno Resedá* era um rancho que disputava folia com outros, como *A Flor do Abacate*, o *Flor do Caxangá*, *Mimosas Cravinas* e *Reino das Magnólias*. "Resedá" é uma flor e "ameno" porque seria uma referência a um rancho calmo, suave, aprazível. Com suas cores verde, grená e amarelo, foi responsável pelo termo "Rancho-Escola"; muitos estudiosos acreditam ter sido o Ameno Resedá o precursor das Escolas de Samba. O presidente Hermes da Fonseca era um admirador do Ameno Resedá, assim como o Maestro Ernesto Nazareth; este compôs a "polca" "Amena Resedá" em homenagem àquela agremiação. A sua sede, na Rua Correa Dutra, 131 (número antigo), era carinhosamente chamada de "*A Jarra*", hoje demolida.
14. A Rua do Catete foi local de residência de ilustres figuras do século XIX: José Clemente Pereira, português, que foi vereador, senador, ministro e provedor da Santa Casa da Misericórdia, o Barão do Flamengo; o Barão de Nova Friburgo; o escritor Machado de Assis (no nº 206); a Condessa de Piedade (viúva de José Clemente); a Condessa de Itapagipe; a Baronesa de Sorocaba (em uma casa em frente a Praça José de Alencar), entre outros
15. No atual número 222 da Rua do Catete, teve sede o atelier do pintor Di Cavalcanti. Candido Portinari também teve, durante anos, seu atelier no Catete.
16. Por volta de 1876 o então jovem advogado Rui Barbosa veio morar ali, numa pensão estilo "*suíça*" e, depois, na mansão que pertencera ao Barão Pinto Lima, no antigo Largo do Valdetaro, em frente ao Palácio do Catete.
17. Na Rua do Catete nº 92, a Vila Martins Motta ou simplesmente vila Motta, residiram os integrantes do Bando da Lua, conjunto musical que acompanhou Carmem Miranda em suas turnês. Aí, ficava o depósito de alimento para os burros e jumentos que puxavam os bondes da região, razão pela qual encontramos as insígnias da companhia de bondes nas platibandas das casas.
18. A Rua Antonio Mendes Campos é o antigo Beco do Rio, assim denominado por causa do antigo rio Catete que passava por ele e desembocava na rua do Russel.



Vila Motta – Rua do Catete, 92

03. CARACTERÍSTICAS URBANÍSTICAS

A área estudada se divide em três zonas distintas: uma plana, que segue o percurso dos antigos caminhos da Glória e do Catete, margeando a baía de Guanabara, percorrendo o antigo leito do rio Catete – braço norte do rio da Carioca - e duas outras ocupando as escarpas de dois morros, a leste o conhecido Outeiro da Glória e a oeste os morros de Santa Teresa e São José.

A área plana contém os principais eixos viários: rua da Glória, rua do Catete, rua Pedro Américo e rua Bento Lisboa, vias de intenso tráfego de penetração à área estudada e de passagem aos bairros de Santa Teresa, das Laranjeiras, Cosme Velho, Flamengo e Botafogo.

Esta é a parte que mais sofreu transformações durante o século XX, principalmente a partir da década de 1970, quando houve a implantação do metrô.

O outeiro da Glória mantém as características de uma cidade tradicional portuguesa que sobe o morro com suas ruelas sinuosas e íngremes. Lembra o bairro de Santa Teresa e um pouco do que teria sido a cidade Velha do Morro do Castelo.

A oeste o bairro se delimita com o bairro de Santa Teresa, subindo o Morro de São José pelas ruas Tavares Bastos e Pedro Américo, numa conformação urbana similar à do Outeiro da Glória.

As edificações mais antigas apresentam implantação no lote urbano tradicional: ocupa limites frontal e laterais do lote , deixando um pequeno quintal aos fundos. Algumas já apresentam um afastamento lateral, por onde se faz a entrada principal. Mais raro é o caso de edificações em centro de terreno.

A implantação do metrô trouxe uma devastação urbana, com a demolição de significativos conjuntos arquitetônicos e espaços urbanos. O espaço urbano remanescente não foi capaz de dar costura aos lados divididos pela linha do metrô. Hoje encontramos uma separação nítida entre as áreas situadas entre a rua do Catete e a Praia do Flamengo (praieira) e o lado compreendido entre a rua do Catete e a rua Bento Lisboa e morro de São José(interno). As diferenças se dão no plano sócio-econômico, gerando conseqüentemente uma má conservação nas edificações da área interna.

A concentração e o crescimento de áreas de favelas no alto das ruas Tavares Bastos e Pedro Américo afetam diretamente o valor dos imóveis nestas regiões tão especiais. Atualmente, todas duas, possuem ponto de transporte alternativo (*vans* e *moto-boys*) para a locomoção da população morro acima. Há também locais, como a charmosa subida sinuosa em paralelepípedos da Rua Barão de Guaratiba, com grandes variações de preço imobiliário e tipologias construtivas numa mesma

rua. Ali, onde não há ocupação por favela, as cotas mais elevadas, que podem usufruir visadas excepcionais da baía são mais valorizadas.

Do trecho da Glória, entre as três principais ruas incluídas neste trabalho, a Rua Cândido Mendes possui um número maior de edificações multifamiliares e está mais isolada da favela Santo Amaro. A menor diversidade comercial e de serviços e a maior distância dos pontos mais valorizados do Aterro do Flamengo mantém seus preços, em média, num patamar pouco inferior aos da área central no bairro do Catete.

Outra das características da área é a presença das vilas. Esta tipologia mantém sempre um público interessado em seus aspectos de baixo custo, relativa segurança e independência em relação aos seus vizinhos e, em geral, a possibilidade de crescimento vertical, tão inadequado em determinados casos, opção inviável aos apartamentos. Elas marcam presença na área, se concentrando basicamente no bairro do Catete, que possui mais de uma dezena delas, nas suas mais variadas formas, tamanhos e tipologias. Pela unidade e tipologia podemos destacar três delas: o Bairro Saavedra, situado na Rua Silveira Martins, n.º 76, a Vila Motta, situada na Rua do Catete, n.º 92 e a vila de n.º 42 da Rua Artur Bernardes. Há outras com grau ainda maior de caracterização, como a de número 178 da Rua Bento Lisboa.

3.1- LEGISLAÇÃO

3.1.01 – Legislação vigente (2004)

O uso do solo do bairro do Catete, parte do bairro da Glória e parte do bairro do Flamengo, são definidas por instrumentos legais, cujos aspectos gerais são tratados no Regulamento de Zoneamento aprovado pelo Decreto nº 322/76.

Em decorrência das obras do metrô, as construções ficaram submetidas às restrições impostas pelo Decreto nº 1299/77, o qual criou a Zona Especial-9 (ZE – 9), com o objetivo de desestimular a atividade da construção civil nas áreas situadas ao longo da trajetória daquele sistema de transporte. Este instrumento veio a ser substituído de forma gradual por legislação específica, conforme a conclusão de cada trecho da grande obra.

Na área de estudo proposta (Catete, parte da Glória e parte do Flamengo) essa regulamentação ocorreu em 1981, através do Decreto nº 3155, que alterou o Decreto nº 322/76 quanto ao zoneamento (ZR e CB) e gabarito permitido.

No caso dos bairros do Catete e Glória, também incidiu a Portaria do IPHAN nº 08/80 que fixou o gabarito e definiu a altura máxima de edificações nas imediações de monumentos (Rua do Catete nº 6- antigo Asilo São Cornélio e Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro).

Além do Decreto nº 332/76, em parte alterado pelo Decreto nº 3155/81 e da Portaria – IPHAN 08/80, incide sobre a área em estudo a seguinte legislação:

- 1.PAA 4249 – Rua Pedro Américo / Rua Artur Bernardes
- 2.PAA 4441 - Rua Pedro Américo

- 3.PAA 4738 – Rua Benjamim Constant / Rua Cândido Mendes / Rua Santo Amaro (limite de profundidade)
- 4.PAA 5459 - Rua Dois de Dezembro
- 5.PAA 6247/PAL 18341 – Rua Pedro Américo (limite de profundidade do lado par)
- 6.PAA 6387 – Rua Pedro Américo (linha de fachada-lado ímpar) / Rua Bento Lisboa (limite de profundidade -lado par)
7. PAA 6813 – Largo do Machado (lado par)
- 8.PAA 7036 - Largo do Machado
- 9.PAA 7102 - Rua Bento Lisboa
10. PAA 7994 – Rua do Catete (alinhamento)
11. PAA 8763 – Rua Pedro Américo/Rua Bento Lisboa (curva de concordância)
12. PAA 10061 – Beco do Pinheiro/Rua Machado de Assis/Rua Dois de Dezembro (trecho) /Rua do Catete (modifica o PAA 7994 em trecho)
13. PAA 10680/PAL 42137 – Rua Antonio Mendes Campos (projeto de alinhamento e urbanização para a quadra compreendida entre as Ruas Barão de Guaratiba, do Catete e Largo da Glória, substituindo o PAA 10170/PAL37812)
14. PAA10933 – Largo do Machado (substitui o PAA 5926)
15. PAL12733 – Rua do Catete e adjacências
16. PAL 17054 – Largo do Machado e Rua do Catete (área coletiva)
17. PAL 19624 – Rua Almirante Tamandaré/Rua Machado de Assis (limite de profundidade)
18. Portaria nº08/77-IPHAN – Conjunto Arquitetônico da Rua do Catete nºs 126 a 196 e 179 a 187 (BTF/62) - (normas para instalação de engenhos de publicidade)
19. Tombamento do Palácio do Catete (BTF/38)
Livro Histórico Vol 1-Inscrição nº 7
Livro Belas Artes Vol 1-Inscrição nº 20

3.1.02 - Zoneamento / Usos e Atividades

A área de estudo está subdividida em diversas Zonas de Usos:

- Zona Especial 1 (ZE 1) - compreende as áreas acima da curva de nível de 100m (cem metros) no bairro do Catete onde são permitidas somente edificações residenciais unifamiliares, única no lote.
- Zona Residencial 1 (ZR-1) - onde é adequado o uso residencial unifamiliar e permitida a atividade de culto religioso de acordo com a Lei Estadual nº 521/82 .
- Zona Residencial 2 e 3 (ZR-2 e ZR-3) - onde são adequados os usos residencial unifamiliar e multifamiliar e são tolerados usos e atividades permitidos no Quadro 1 do RZ (Dec 322/76).
- Zona Turística 1 (ZT-1) - onde é adequado atividades voltada para o Turismo e tolerado o uso residencial (unifamiliar e multifamiliar), edifício garagem e posto de abastecimento e serviço.

- Centros de Bairro 1, 2 e 3 (CB-1, CB-2 e CB-3) - que permitem atividades de comércio e serviços mesclados ao uso residencial unifamiliar e multifamiliar, admitindo uma inclusão maior de atividades e usos conforme sua classificação na ordem de CB-1 a CB-3.

3.1.03 - Gabaritos Permitidos

O gabarito estabelecido para a área de estudo proposta é bastante diversificado de acordo com o que dispõe a Portaria nº 08 de 29/01/1980 do IPHAN e o Decreto Municipal nº 3155 de 21/07/1981, conforme mapa em anexo.

Pela Portaria – IPHAN 08/80 o gabarito (medido a partir da soleira) para as edificações afastada (AF) e não afastada (não AF) das divisas varia entre a altura máxima de 12 m (Rua Pedro Américo) no bairro do Catete e 34 m (Rua Benjamim Constant) no bairro da Glória.

Pelo Decreto nº 3155/81 o gabarito para as edificações afastada(AF) e não afastada (não AF) das divisas varia entre :

- 2 pavimentos qualquer que seja a sua natureza (Ladeiras do Russel, de Nossa Senhora e da Glória) no bairro da Glória e 18 pavtos + PUC + 4 pavtos de garagem (Rua do Catete – parte e Largo do Machado – parte) nos bairros do Catete e Flamengo.
- 15 m de altura medida a partir do nível do meio-fio do logradouro em frente à testada de cada lote (Rua do Catete – parte) no bairro da Glória e 30 m (Rua Pedro Américo e Rua do Catete – parte)

3.2 BENS CULTURAIS PROTEGIDOS

Na área de estudo existem diversos bens imóveis tombados no âmbito federal, estadual e municipal. Também já se encontram outros imóveis preservados pela APAC São José, criada pelo decreto 21.141/04, que regulamentou a APA São José.

No âmbito federal destaca-se o Palácio do Catete, atual Museu da República, o conjunto arquitetônico de nºs 126 a 196 e 179 a 187 da Rua do Catete e a Igreja de Nossa senhora da Glória do Outeiro, no Morro da Glória.

A Portaria - IPHAN nº 08/80 fixa gabaritos que definem a altura máxima das edificações nas imediações dos bens acima citados.

CATETE:

- Rua do Catete, Conjunto arquitetônico do nº 126 a 196 e do nº 179 a 187 - BTF

- Rua do Catete, 153 (BTM)

Chafariz: O Nascimento de Vênus;

Estátuas : O Crepúsculo; A Aurora; A Leitura; A Escrita; América, Europa, Ásia e Oceania; Cristóvão Colombo;

2 colunas com vasos;
2 Candelabros;
Busto: A República
1 escada
Todos das Fundições do Val d'Osne.

PALÁCIO DO CATETE



- Rua do Catete, 153 - Palácio do Catete (BTF)
- Rua do Catete, 181. Museu do Folclore (BTE)

- Rua do Catete, 243 - Sobrado apalacetado (BTM)

- Largo do Machado - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória (BTE) e (BTM)

- Largo do Machado, 19, 21 e 23 - Palácio Rosa (BTM)

- Largo do Machado, 20 - Colégio Estadual Amaro Cavalcanti (BTM)

- Largo do Machado, 20 - Estátuas: A Ciência ;A Agricultura; A Arte; A Indústria ; Vasos Ornamentais (Todos são oriundos das Fundições do Val d'Osne) (BTM)

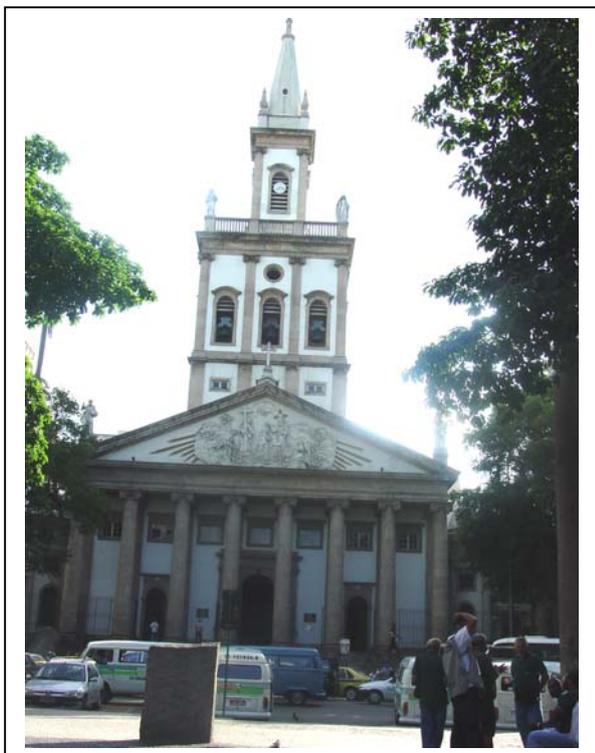
- Rua Pedro Américo, 01 - IX Delegacia de Polícia Civil (BTM)

FLAMENGO:

- Rua Dois de Dezembro, 41; Beco do Pinheiro, 10 – imóvel industrial, hoje sede do INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL (M e E).

GLÓRIA:

- Rua Benjamin Constant, 42 - IGREJA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (M)



MATRIZ NOSSA SENHORA DA GLÓRIA



COLÉGIO ESTADUAL AMARO CAVALCANTI

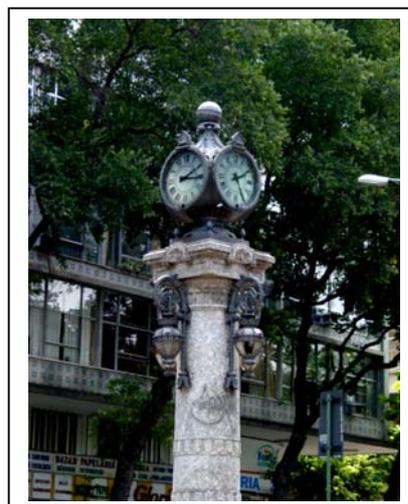
- Rua Benjamin Constant, 74 - TEMPLO DA HUMANIDADE DA IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL (E)
- Rua do Catete, 6 (Antigo Asilo São Cornélio)
FACULDADE DE MEDICINA SOUZA MARQUES (F)
- Rua do Catete, 6 - Elementos da Fundação do Val d'Osne: 2 ESTÁTUAS: HIPÔMENES, de G. Coustou, e ATALANTA, de Lepautre; 2 CARRANCAS e 6 ESTÁTUAS servindo de apoio ao corrimão;
- Ladeira da Glória, s/nº - IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO (F)
- Rua da Glória, s/nº - RELÓGIO E AMURADA DA GLORIA (E)
- Rua da Glória, s/nº - CHAFARIZ DA GLÓRIA (F)
- Rua da Glória, 64 – ESCOLA MUNICIAPL MARECHAL DEODORO (M)
- Praça Marechal Deodoro – MONUMENTO AO MAL. DEODORO DA FONSECA (E)

- Praça Paris – CONJUNTO DE AMENDOEIRAS E JARDINS DA PRAÇA PARIS E PRAÇA DEODORO (M)

-Ladeira do Russel, 57 - CASA (M)



TEMPLO DA HUMANIDADE



RELÓGIO DA GLORIA

- Rua do Russel, 01 - ANTIGA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTOS - atual sede da SEAERJ (M) e (E)

- Rua Santo Amaro, 28 – SOBRADO (antiga sede do HIGH LIFE CLUB) (M)

- Rua Santo Amaro, 80 e 84 - REAL E BENEMÉRITA SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DO RIO DE JANEIRO (M)

IMÓVEIS PRESERVADOS PELO DECRETO 21.141/04, QUE REGULAMENTA A APA SÃO JOSÉ:

RUA PEDRO AMÉRICO

Lado ímpar:

311, 323, 329, 333, 343, 351, 363, 371, 381, 417, 425, 435, 441, 465, 491, 501, 503, 507, 521, 527, 537, 551, 561, 627, 643, 657, 771.

Lado par:

262, 270, 270A, 276, 282, 288, 300 (casas I, III, V, VII, VIII, IX, X), 304, 320, 326, 336 (casas II, IV, VI), 354, 382 (casas II, III, IV, VI, VII), 388, 394, 406, 434, 442, 448, 466 (casas 7, 9 e 10), 470, 476, 492, 504, 508, 528.



REAL E BENEMÉRITA SOCIEDADE
PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA
HOSPITAL

RUA TAVARES BASTOS

Lado ímpar:

5, 9, 11, 11-A, 15, 19, 19-A, 21 (casas III, IV, VI, VII, XIII, XV, XVI, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI, XXXIII, XXXIV, XXXV), 25, 27 (casas I, II, IX, XI, XII, XIII, XIV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI), 29, 37, 53, 57, 71, 83, 297, 299, 301.

Lado par:

4, 6 (casas III e V), 8, 10, 14, 16, 18, 20, 22, 26, 64, 64-A, 66, 66-A, 68, 68-A, 68-B, 74, 78 (casas I, II, III, IV), 96, 98, 102, 112, 112-A, 112-B, 114, 118, 120, 122, 132, 138, 236, 238, 240, 242, 244, 248, 266.

04. CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

Os três bairros que compõem nosso objeto de estudo apresentam um rico e variado acervo arquitetônico que abrange as mais diversas tendências construtivas, representativas das diversas fases de sua ocupação, assim também como da sua

estratificação social. De sobrados e casarões imponentes, do final do século XIX, aos edifícios de 12 pavimentos com portarias de pilotis, próprios dos anos 50 do século XX, o espectro abrange uma amplitude cultural que marca a riqueza dessas áreas. Dos usos residenciais a serviços de recreação e lazer, passando por instituições governamentais, sua utilização revela a vivacidade da área, uma cidade verdadeira e participativa.

4.1. CATEGORIAS ARQUITETÔNICAS

Basicamente, existem apenas três categorias de arquitetura no universo inventariado e classificado:

- I. Arquitetura civil de função pública
- II. Arquitetura civil de função privada
- III. Arquitetura Religiosa

4.2. TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS

Tais categorias arquitetônicas formam tipologias arquitetônicas marcantes e claras, assim dispostas na nossa classificação:

- I. Solares senhoriais
- II. Palacetes aburguesados
- III. Casas assobradadas
- IV. Casas sobre porão alto
- V. Casas sobre porão habitável
- VI. Casas de vila
- VII. Sobrados burgueses à maneira de bangalôs
- VIII. Edifícios de pequeno porte (3 a 4 pavimentos)
- IX. Edifícios de médio porte (5 a 7 pavimentos)
- X. Edifícios de grande porte (acima de 7 pavimentos)
- XI. Escolas
- XII. Hospitais/centros de saúde
- XIII. Templos

4.3. GRUPOS ESTILÍSTICOS

A evolução da ocupação urbana das áreas em estudo proporcionou a construção de bens imóveis característicos de diversas épocas. Tal diversidade favoreceu o surgimento de um acervo arquitetônico de excepcional valor para a formação do patrimônio cultural da cidade.

Bens excepcionais construídos no período colonial já foram classificados e protegidos pelo IPHAN, outros do século XIX e início do século XX receberam a proteção pelo INEPAC e município.

O conjunto de bens inventariado e classificado como *de interesse para proteção* apresentam linguagens estilísticas enquadradas nos seguintes grupos:

- I. Edificação de caráter neoclássico
- II. Edificação de caráter eclético
- III. Edificação romântico/pitoresca
- IV. Edificação neocolonial
- V. Edificação de caráter *Art Déco*/proto-moderno
- VI. Edificação sem definição precisa, mas com acabamento refinado
- VII. Edificação moderna

III – PROPOSTA

Apresentamos uma proposta atualizada e ampliada em relação ao que foi elaborado em 1991 pelo DIP. Estas modificações se deram, não só por conta da natural atualização que uma proposta urbana feita há mais de uma década precisaria sofrer, visando acompanhar a própria dinâmica dos bairros e da cidade, mas, também, pela importância da valorização do que estamos chamando de Espaço Republicano. Compreende, portanto, para além do casario típico das primeiras décadas do século XX, também áreas, construções e outras tipologias arquitetônicas as quais correspondem ao período em que o Palácio do Catete era a sede do Governo Republicano.

Ao observarmos este entorno ampliado, compreendemos que várias construções erguidas nas últimas décadas de 30, 40 e 50 contam também o perfil daquela época e, reunidas nas quadras que formam o entorno do Palácio do Catete, são representativas de um espaço urbano e uma cultura que devem ser ressaltados. Visto que, muitas dessas construções, agora incluídas nesta Proposta têm datas posteriores a 1938 e várias delas vem sofrendo alterações ao longo dos anos, como acréscimos nas coberturas, alterações nas portarias e modificações nas antigas fachadas ao serem recuperadas, consideramos oportuna e coerente sua inclusão no presente trabalho. Apesar das alterações propostas, é fundamental ressaltar, a importância do trabalho anterior do Departamento de Inventário e Planejamento que, para nós, significou a base de tudo o que está sendo apresentado no presente trabalho.

A criação de uma Área de Proteção do Ambiente Cultural do Espaço Republicano, tomando como base o bairro do Catete, incluindo trechos dos bairros da Glória e do Flamengo, pretende manter e valorizar a identidade arquitetônica desta área, de forma que o antigo e o novo possam conviver de forma harmoniosa; não pretende impedir a existência de contrastes, mas apresenta um conceito que incentiva o novo, ao mesmo tempo em que valoriza o antigo.

A proposta de proteção não deve ser entendida como fator limitador ou inibidor, mas de revitalização e valorização do patrimônio cultural ali existente que, de certa forma, é o que já vem ocorrendo na área, de acordo com a análise descrita no capítulo anterior.

Para tanto, o Departamento Geral de Patrimônio Cultural definiu critérios de proteção para todas as edificações que compõem a área, por entender que mesmo aquelas edificações que não possuem no momento valor para a preservação interferem ou irão interferir na composição do conjunto como um todo. Além dessas, estão sendo definidos critérios de proteção para as edificações que apresentam valor de conjunto e para aquelas de valor individual.

Essas definições levaram em conta a legislação urbanística da área o sistema viário a possibilidade ou não de recuperação de determinados imóveis e a preservação do perfil da paisagem natural e construída na área.

Procuramos incorporar os bens preservados pelo Decreto 21.141/04 já que estes se encontram inseridos no bairro do Catete e não há porque ignorá-los se fazem parte do mesmo contexto histórico e urbanístico.

Para a implementação desta proposta serão necessárias a adequação da legislação pertinente à área e a aprovação de um decreto contendo as medidas necessárias para a proteção do patrimônio cultural do Espaço da República.

01. DELIMITAÇÃO DA ÁREA PROTEGIDA

A delimitação da Área de Proteção do Ambiente Cultural resultou da observação do entorno do Palácio do Catete e da reunião de determinadas tipologias que compõem o Espaço da República; foram consideradas, principalmente, aquelas construções ainda existentes na área, contemporâneas entre si, ainda que com tipologias variadas, indo até o fim do período de funcionamento do Palácio do Catete como sede do governo republicano. Foram, propositadamente, excluídos desta área vários outros imóveis contemporâneos ao Espaço Republicano, situados ao longo da antiga Avenida Beira-Mar, que estão sendo analisados sob a ótica de outro estudo a ser encaminhado com vistas à proteção do patrimônio cultural da cidade. Outros trechos foram incluídos, como parte do bairro da Glória e parte do bairro do Flamengo, por se integrarem aos especificamente aos objetivos deste trabalho.

O estudo pormenorizado dos bairros, de suas histórias e de seus remanescentes arquitetônicos e artísticos, apontou para uma delimitação da área com proposta para proteção. Essa delimitação está definida no polígono descrito a seguir:

Do entroncamento da rua Hermenegildo de Barros com a rua Candido Mendes; por esta, incluída, até a rua da Glória; segue pela rua da Glória, incluída, até o entroncamento com a rua Benjamin Constant; cruza o largo da Glória na direção da rua do Russel até encontrar a escadaria de acesso ao adro da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro; contorna a praça Nossa Senhora da Glória, incluída; segue pela ladeira de Nossa Senhora, incluída, até seu encontro com a ladeira do Russel; ladeira do Russel, incluída, até seu encontro com a Praia do Flamengo; por esta, excluída, até a rua Almirante Tamandaré; por esta, incluída, até a praça José Alencar, incluída; rua do Catete, excluído o lado par, entre a praça José de Alencar e o largo do Machado; segue contornando o largo do Machado, inclusive a igreja matriz de Nossa Senhora da Glória, até seu encontro com a rua Gago Coutinho; rua Gago Coutinho, excluída; daí, seguindo o limite dos imóveis com testada para a rua Bento Lisboa, incluída, até seu encontro com a rua Tavares Bastos; por esta, incluída, até o seu encontro com a rua Cruzeiro do Sul; segue pela rua Cruzeiro do Sul, excluída, até encontrar o imóvel nº 627, incluído, da rua Pedro Américo; daí, pela rua Pedro Américo, incluída, do nº 771 até seu início; daí, seguindo o limite dos imóveis com acesso pela rua do Catete, incluídos; por esta, incluída, até a rua Santo Amaro; por esta, incluída, até o encontro com a rua do Fialho; segue, por esta, incluído apenas o lado ímpar, até o entroncamento com a rua Benjamin Constant, incluída; deste ponto até o entroncamento da rua Hermenegildo de Barros com a rua Candido Mendes, ponto de partida.

02 - CRITÉRIOS PARA PROTEÇÃO

O complexo universo arquitetônico que se apresentou como passível de proteção determinou que fossem listados apenas os imóveis passíveis de tombamento e de preservação.

Os imóveis indicados para tombamento são aqueles que se destacam no ambiente urbano quer pela sua historicidade, quer pela sua composição artístico-arquitetônica. São bens de inestimável valor que não podem apenas ser enquadrados na composição ambiental. Representam memórias próprias, individuais e merecem proteção distinta dos demais bens culturais.

Os imóveis de interesse para preservação são aqueles que apresentam valor de conjunto urbano, ora de mesmas tipologias, ora de épocas distintas, mas que apresentam valores arquitetônicos de relevância na história da arquitetura carioca e na evolução urbana dos bairros estudados. São bens, portanto, que compõem a fisionomia historicista dos bairros, a fisionomia das diversas fases por que passou aquela região.

Considerando-se que as tipologias inventariadas partem de casas simples, térreas ou de dois pavimentos, chegando a edifícios de grande porte, com 13 pavimentos habitáveis, concluímos que se torna importante que todos os demais edifícios já consolidados, os quais não apresentam interesse para proteção, devem manter relação com os demais bens classificados. Assim, ficam tutelados todas as edificações

situadas no perímetro da APAC e que não estejam classificadas como de passíveis de tombamento ou com interesse para preservação.

02.1 - BENS INDICADOS PARA TOMBAMENTO

Entre os inúmeros bens representativos das diversas fases, foram eleitas obras arquitetônicas, obras de arte urbana e obras de engenharia urbana. Os períodos correspondem às diversas fases de ocupação dos bairros.

- a. Ladeira da Glória nº 26, casas 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 10 (vila Aymorés).
- b. Ladeira do Russel nº 071 - (Edificação e Jardim)
- c. Praça José de Alencar - Monumento a José de Alencar
- d. Rua do Catete nº 115 – Santuário Nossa Senhora Mãe da Divina Providência
- e. Rua da Glória nº 446 – Palácio São Joaquim
- f. Rua Santo Amaro nºs 71, 73, 75 e 77.
- g. Rua Silveira Martins nº 076 (Bairro Saavedra)
- h. Rua Tavares Bastos nº 78 – Calçamento em pé-de-moleque da vila.
- i. Rua Bento Lisboa 160 – Casa de Saúde São Sebastião
- j. Rua Bento Lisboa nº 72

Quaisquer intervenções físicas praticadas nos bens descritos acima deverão ter o parecer prévio do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, a quem compete estabelecer os critérios para tais formas de ação.

02.2 - ARBORIZAÇÃO IMUNE AO CORTE

Propomos, pela sua importância paisagística e histórica, a proteção da arborização do Largo do Machado e da figueira localizada na rua Pedro Américo na altura do nº 406 através da **declaração de imune ao corte**, ficando sob a tutela da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

02.3 - IMÓVEIS INDICADOS PARA PRESERVAÇÃO

Beco do Pinheiro

Lado ímpar: 29 (rua Machado De Assis 36)

Ladeira da Glória

Lado par: 36, 98

Lado ímpar: 99

Ladeira de Nossa Senhora

Lado par: 146, 146A, 158, 214

Lado ímpar: 279, 311/315

Ladeira do Russel

Lado ímpar: 39/41, 45, Portão de fundos do nº 632 da rua do Russel

Largo do Machado

Lado par: 48, 52

Rua Almirante Tamandaré

Lado par: 20, 32, 42

Lado ímpar: 33, 77

Rua Andrade Pertence

Lado par: 18, 20

Lado ímpar: 07, 11, 47, 49

Rua Artur Bernardes

Lado par: 42 (Vila casas 01, 02, 03, 04, 05, 06, 08)

Lado ímpar: 07 (Rua do Catete 236), 09, 29

Rua Barão de Guaratiba

Lado par: 20, 44, 50, 50A, 74, 82/ 84, 96, 100, 104/106, 108, 114, 120, 124, 126 (rua Constantino Coelho 08), 132, 134, 136, 170, 178, 194, 202, 204, 206, 208, 214, 234, 236, 242

Lado ímpar: 29 (rua Orlando Rangel 11), 31, 45, 49, 55, 57, 71/75, 79, 93, 95, 105, 109, 117, 127, 131, 139, 141, 145, 153, 155, 157, 161, 183, 191, 215, 221, 229, 235

Rua Benjamin Constant

Lado par: 10, 18, 26, 28, 30, 32, 48, 80, 92

Rua Bento Lisboa

Lado par: 02, 04, 06, 16, 18, 60, 64, 68, 70, 74 (rua Tavares Bastos 05), 146, 148, 160 (jardins), 170, 172, 174, 178 (Vila casas 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08)

Lado ímpar: 89 (vila casas 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18)

Rua Buarque de Macedo

Lado par: 44, 72, 74

Lado ímpar: 65, 75, 77, 85/87 (rua do Catete 233)

Rua Candido Mendes

Lado par: 36, 44, 50, 112/118, 148

Lado ímpar: 53, 71, 89, 117

Rua do Catete

Lado par: 32, 34, 36, 38, 40, 40A, 42 (Bairro São Jorge – todas as edificações), 48, 50, 52, 54, 56, 58, 60, 62, 64, 78/80, 82, 84, 86, 92 (Vila da Motta, casas 01, 03, 04, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 33, 35, 37, 39), 94, 96, 98, 104, 106 (rua Andrade Pertence 07), 108, 110, 112, 122, 124, 126, 236 (rua Artur Bernardes 236), 248, 250, 252, 254, 282, 284, 286, 288, 288A, 288B.

Lado ímpar: 127, 129, 131, 135, 233 (rua Buarque de Macedo 85/87), 245, 257, 261, 265, 267, 355.

Rua Constantino Coelho

Lado par: 08 (Barão de Guaratiba 126), 16, 16A, 26 (Casas 01, 02, 03, 04).

Rua Correia Dutra

Lado par: 22, 24, 56, 70, 78, 86, 88, 136, 138, 170, 172

Lado ímpar: 43, 65, 75

Rua Dois de Dezembro

Lado par: 18, 132, 134, 144

Lado ímpar: 09, 19, 21, 65, 67, 119

Rua Ferreira Viana

Lado par: 32, 46, 58

Lado ímpar: 29, 45 (Vila casas 01, 02, 03, 04), 57, 59, 61, 69

Rua da Glória

Lado par: 318

Rua Goitacazes

Lado ímpar: 195

Rua Machado de Assis

Lado par: 12, 14, 36 (Beco do Pinheiro 29)

Lado ímpar: 39

Rua Orlando Rangel

Lado par: 10, 12, 14, 34, 36

Lado ímpar: 11 (rua Barão de Guaratiba 29), 29, 51, 53

Rua Pedro Américo

Lado par: 06, 42, 64, 184, 186, 196, 204, 232, 262, 270, 270A, 276, 282, 288, 300 (Vila Casas 01, 03, 05, 07, 08, 09, 10), 304, 320, 326, 388, 394, 406, 434, 442, 448, 466 (casas 6, 7, 9 e 10), 470, 476, 492, 504, 508, 528.

Lado ímpar: 33, 45, 51, 89, 97, 103, 107, 111, 123, 135, 311, 323, 329, 333, 343, 351, 363, 371, 381, 417, 425, 435, 441, 501, 503, 507, 521, 527, 537, 561, 627, 643, 657, 771.

Rua do Russel

Lado par: 76

Rua Santo Amaro

Lado par: 14, 16, 18, 38, 40, 42, 44, 88

Lado ímpar: 21, 23, 69, 79, 83, 87

Rua Silveira Martins

Lado par: 20, 50, 104, 122, 136

Lado ímpar: 135, 163, 167, 169, 181

Rua Tavares Bastos

Lado par: 04, 06 (Vila Casas 03, 05), 08, 10, 14, 16, 18, 20, 22, 26, 64, 66, 68, 68A, 68B, 74, 76, 78 (Vila Casas 01, 02, 03, 04), 96, 100 (fachada), 112, 112A, 112B, 114, 118, 120, 122, 132, 138, 236, 238, 240, 242, 244, 248, 266

Lado ímpar: 05 (rua Bento Lisboa 74), 09, 11, 11A, 15, 19, 19A, 21 (Vila casas 03, 04, 06, 07, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35), 25, 27 (Vila casas 01, 02, 09, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21), 29, 37, 53, 57, 71, 83, 297, 299, 301

Travessa Petúnia

Lado ímpar: 19

Lado par: 30, 44, 52

IV – BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

AIZEN, Mário e TAVEIRA, Alberto . “Patrimônio Cultural: bens tombados pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Centro, Glória, Catete, Flamengo”. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1996.

ALMEIDA, Cícero Antônio F . “Catete: memórias de um palácio”. Rio de Janeiro, Museu da República, 1994.

BERGER, Paulo . “Dicionário Histórico das Ruas do Rio de Janeiro - da Glória ao Cosme Velho” . Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1993.

BRASIL, Gerson . “História das Ruas do Rio “. Rio de Janeiro, Brasiliiana, 1965.

DELGADO de Carvalho . “História da Cidade do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1988.

DUARTE, Haidine da Silva B . “A Cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais”. In Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, janeiro/março, 1974.

FRIDMAN, Henrique e FRIDMAN, Sérgio . “História do Bairro da Glória” . Rio de Janeiro, edição do autor, 2002.

NORONHA Santos e BERGER, Paulo (notas) . “As Freguesias do Rio Antigo”. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1965.

PEREGRINO, Umberto . “Crônica do Bairro do Catete: história, vivências”. Rio de Janeiro, RIOARTE, 1986.

PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro. “Rio Cidade: o urbanismo de volta as ruas” . Rio de Janeiro, IPLANRIO/Mauad, 1996.

REIS, José de Oliveira . “O Rio de Janeiro e seus Prefeitos”. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade, 1977.

SANSON, Maria Lúcia David de. , AIZEN, Mário e VASQUEZ, Pedro Karp . “O Rio de Janeiro do fotógrafo Leuzinger: 1860-1870”. Rio de Janeiro, Sextante Artes, 1998.

VAZ, Lilian Fessler . “Modernidade e moradia - habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX” . Rio de Janeiro, 7 Letras, 2002.